

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

A PRESENÇA FRANCESA NA LÍRICA DE MARIO QUINTANA

Anna Faedrich Martins (Doutoranda PUCRS)

*Quando estou no mundo sinto saudade da Pátria;
quando estou na Pátria sinto saudade do mundo.*

Joaquim Nabuco

A presença francesa na lírica de Mario Quintana é elemento visível e essencial para a leitura hermenêutica do conjunto de sua obra poética. O recorte selecionado para este trabalho consiste em estabelecer uma relação entre os poetas Mario Quintana e Charles Baudelaire, destacando possíveis diálogos entre eles, uma vez que o poeta francês é o precursor em tornar Paris objeto de sua poesia, e Quintana, por sua vez, encontra na sua relação com a cidade matéria para sua poesia. Pretendemos, também, mostrar as mudanças urbanísticas de Porto Alegre e o desejo de alçar-se à condição de metrópole, como bem observa Sandra Pesavento, o sonho de ser “uma Paris no Sul”. Apresentaremos Quintana como o *flâneur* que testemunha as mudanças que vão ocorrendo na cidade e, conforme as considerações do psicólogo norte-americano James Hillman, como esse processo de modernização pode acabar com a *flânerie*.

Porto Alegre não seria a mesma sem a presença do poeta Mario Quintana, que deixou a sua marca na memória emotiva da capital sul-rio-grandense. Ele opta por sair da sua terra natal – Alegrete – ainda jovem, adotando Porto Alegre como a sua cidade, a cidade de seu coração. Todo esse encantamento face à cidade escolhida, todos os seus quintanares¹ de contemplação, faz de Quintana “o poeta da cidade”. É o poeta da cidade porque esta é tema recorrente na sua lírica, cidade de múltiplas facetas, capaz de despertar sentimentos diversos no poeta. A cidade vai se transformando ao longo do tempo, se modernizando, enquanto o poeta vai envelhecendo e testemunhando todas essas transformações. Ambos trilham juntos os caminhos da vida, numa relação de cumplicidade, com

¹ O termo “quintanares” é uma criação do próprio autor, que aparece pela primeira vez na “Canção de barco e de olvido”, do livro *Canções*. O neologismo será citado em referência aos poemas de Quintana.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

direito a diálogos, idealizações, perplexidade, imaginações, sendo um para o outro a grande companhia.

Mario Quintana é o *flâneur* que acompanha as mudanças que vão ocorrendo em Porto Alegre, é aquele que caminha e aprecia as suas ruas, as suas casas antigas, as crianças, o cotidiano. Num momento inesperado, o simples surpreende o *flâneur* e o inspira a poetizar e registrar aquilo que só ele é capaz de perceber.

Podemos perceber que na vida de Mario Quintana houve dois fatores que provocaram mudanças no seu cotidiano e no seu olhar sobre a cidade. O primeiro é a sua transferência para Porto Alegre, deixando a pequena cidadezinha do interior — Alegrete — para viver no centro da capital, onde tudo acontecia. O segundo, o fato de ele ter acompanhado as mudanças da cidade de Porto Alegre que foi crescendo, modernizando-se, com direito a arranha-céus, bondes elétricos, novas e largas avenidas, fábricas etc. A transformação da cidade de Porto Alegre, que foi deixando traços de cidade pequena, ou mesmo o abandono da sua pequena cidade natal, provoca no poeta tristeza e melancolia.

Sandra Pesavento (1994) aponta para o fato de que em 1935 a cidade de Porto Alegre passa por um processo de modernização. Porto Alegre está comemorando o centenário da Revolução Farroupilha, vivenciando grandes festas, a Avenida Borges de Medeiros tinha sido inaugurada, assim como o viaduto, as largas avenidas que ligavam o centro aos bairros, a remodelação do campo da Redenção, mudanças inspiradas na matriz francesa, “a cidade exibia para o Brasil e para o mundo o resultado de um longo processo de transformação. A capital do Estado se considerava, finalmente, uma metrópole, atingida pela modernidade” (PESAVENTO, 1994, p. 204-205). Contudo, nesta época, embora Porto Alegre tivesse o sonho de ser metrópole, ainda estava em processo tardio de modernização. Na citação abaixo, a autora salienta o desejo de a capital do Rio Grande do Sul alçar-se à condição de metrópole:

Híbrida entre o modelo de Paris e o de Berlim a Porto Alegre do final da década projetava seus sonhos de ser metrópole no Primeiro Mundo. Era lá o horizonte de chegada de governantes e das camadas privilegiadas. Uma Paris no Sul talvez fosse o desejo de modernidade mais caro, mas, entre a cidade ideal e a cidade possível, concretizava-se a ação de engenheiros e arquitetos alemães que, tanto pela superioridade em termos de

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

concorrência nas limitações quanto pelo gosto da burguesia nascente de origem teuta, impunha sua marca. (PESAVENTO, 1994, p. 205).

Segundo Fischer & Fischer (2006), embora Porto Alegre estivesse passando por um processo de modernização, a cidade ainda “não conhecia a voracidade e a velocidade das transformações que aconteciam na capital paulista” (FISCHER; FISCHER, 2006, p. 24). Os autores comparam o crescimento da população das três cidades, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. Eles afirmam que “enquanto a capital federal da época, o Rio de Janeiro, era uma cidade grande desde o século 19, alcançando o milhão de habitantes nos anos 1910, São Paulo e Porto Alegre eram, 1880, cidades relativamente acanhadas” (FISCHER; FISCHER, 2006, p. 24-25). Até 1930, “a capital gaúcha manteve um aumento significativo mas lento e por assim dizer harmonioso” (FISCHER; FISCHER, 2006, p. 25), diferentemente de São Paulo, onde “a população quase quadruplica entre 1890 e 1900” (FISCHER; FISCHER, 2006, p. 25). Os autores apontam para o fato de que embora Porto Alegre ostentasse ares de cidade moderna, devido às mudanças anteriormente já citadas, a capital ainda tinha “um jeitão de cidade pequena” (FISCHER; FISCHER, 2006, p. 26).

Apesar da comparação feita por Fischer & Fischer entre o desenvolvimento tardio de Porto Alegre em relação a outras capitais mais progressistas, Quintana registra, na sua obra, as mudanças da cidade de Porto Alegre à medida que vão ocorrendo e mostra a tendência do poeta de ser uma testemunha, como um flâneur, de modernização, que traz consigo inquietude e solidão. Por mais que a cidade ainda “ostentasse um jeitão de cidade pequena”, quando o poeta se refere a essa nova cidade, sempre traz consigo a imagem de uma cidade sem pássaros, sem estrelas, sem a tranquilidade de antes, sem a natureza e a naturalidade de outrora:

ESVAZIAMENTO

Cidade grande: dias sem pássaros, noites sem estrelas.
(QUINTANA, 2005, p. 239)

Em “Eles e as maravilhas”, o poeta põe em xeque as “maravilhas” do mundo moderno, feitas de pedra, de aço, metais...:

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Eles consideram a Torre Eiffel, a Estátua da Liberdade e o Cristo do Corcovado entre as Sete Maravilhas do Mundo moderno – sem a mínima desconfiança de que poderia ser o contrário.
(QUINTANA, 2005, p. 345)

É interessante observar as reflexões de Susan Sontag a respeito de Walter Benjamin e relacioná-las a Quintana, identificando, assim, a presença francesa em sua lírica em diferentes aspectos. De acordo com Sontag (1987), Walter Benjamin, considerado “um triste” pelos franceses, quando dizia que “a solidão parecia o único estado apropriado ao homem” (p. 87) se referia “à solidão da grande metrópole, a atividade do indivíduo que passeia sem destino livre para sonhar, observar, refletir, viajar” (SONTAG, 1987, p. 87). Essa multidão, contraditoriamente, é o lugar do anonimato. E essa é uma das características do ser melancólico “a necessidade de estar só – assim como a amargura da própria solidão” (SONTAG, 1987, p. 99). A autora traça o perfil do ser melancólico, dizendo que “o trabalho do melancólico é a imersão, a concentração total” (SONTAG, 1987, p. 99).

Segundo Sontag, os melancólicos nascem sob o signo de Saturno – o planeta dos desvios, astro de revolução lenta:

A influência de Saturno torna as pessoas “apáticas, indecisas, vagarosas”, escreve, em *A Origem do Drama Barroco Alemão* (1928). A lentidão é uma característica do temperamento melancólico. A falta de jeito é outra, e deriva da percepção de um número excessivo de possibilidades, e da não-percepção da própria falta de senso prático. (SONTAG, 1987, p. 88)

Walter Benjamin (1985), em seus estudos sobre a Paris do século XIX e Baudelaire, mostra o poeta como o precursor em tornar a Paris objeto de sua poesia. Não poderíamos falar de Mario Quintana e a sua “pequena cidade grande”, Porto Alegre, sem passar pelo estudo de Baudelaire, o primeiro a poetizar a cidade. Ele faz isso através do olhar do flâneur, “o olhar do alegórico a perpassar a cidade é o olhar do estranhamento” (BENJAMIN, 1985, p. 39). O flâneur é o detetive da cidade, percorrendo a cidade das transformações urbanas que ocorrem no século XIX, no caso de Paris, a partir das reformas de Haussmann. “A rua se torna moradia para o flâneur, que está tão em casa entre as fachadas das casas quanto o burguês entre as suas quatro paredes” (BENJAMIN, 1985, p. 66-67). Dessa forma, a aproximação entre a lírica de Quintana e a de Baudelaire estabelece-se pela condição de flâneur da cidade; pelo olhar do estranhamento; pelo poetizar do simples, do banal e do cotidiano;

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

pela solidão e melancolia do homem da grande metrópole, que faz da rua a sua moradia enquanto testemunha do desenvolvimento da cidade. Para Quintana, a rua era também o seu lar, a “moradia do flâneur”, que já não diferencia as fachadas da casa das paredes da casa, já não sabe mais se deve “sair ou entrar para a rua”:

DO CADERNO DE UM PERIPATÉTICO

Melhor sair para a rua... Ou entrar para a rua? Mas se a rua não fosse uma espécie sui generis de lar, por que se diz então “a porta da rua” e não “a porta da casa”?
(QUINTANA, 2005, p. 346)

Baudelaire é o poeta da modernidade, até mesmo porque foi ele um dos criadores desta palavra, empregando-a em 1859. O conceito de modernidade para ele é bem diferente dos românticos e é um conceito muito complexo.

Sob o aspecto negativo, significa o mundo das metrópoles sem plantas com sua fealdade, seu asfalto, sua iluminação artificial, suas gargantas de pedra, suas culpas e solidões no bulício dos homens. Significa, além disso, a época da técnica que trabalha com o vapor e a eletricidade e a do progresso. (cf. FRIEDRICH, 1978, p. 43)

A modernidade para Baudelaire é dissonante. Ao mesmo tempo em que trata o aspecto negativo, ele faz do mísero, do mau, do decadente, do noturno algo fascinador. Ele é o primeiro a poetizar a cidade, utilizando-a como temática de seu fazer poético. Friedrich (1978) ressalta que Baudelaire é o poeta que vê “a possibilidade da poesia na civilização comercializada e dominada pela técnica”, mesclando o banal do cotidiano, do real, com o misterioso. A fantasia é um conceito fundamental na teoria baudelairiana. Ele abre as portas para outros poetas como Rimbaud, Mallarmé, Valéry, na produção poética moderna repleta de obscuridade, absurdo, abismo, magia, abstração, ilogicidade, metalinguagem, ironia, humor, paródia, silêncio, desolação.

O poema “Elegia número onze” mostra a necessidade do poeta - o flâneur - de perder-se na multidão. Ele lamenta a falta de gente na cidade deserta. Esse poema retoma a ideia dos versos do

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

poeta moderno Antonio Machado – Caminhante / não há caminhos, / faz-se o caminho ao andar (cf. MACHADO, 1973, p. 158):

ELEGIA NÚMERO ONZE

Não, não é uma série de pontos de exclamação
- é uma avenida de álamos...
E o que, e para quem, clamariam então?!
Deserta está a cidade.
Todas as avenidas, todas as ruas, todas as estradas, atônitas
se perguntam se vêm ou se vão...
Em nada lhes poderiam servir esses postes de quilometragem:
estão apenas desenhados, como num mapa.
Ah, se houvesse uns passos, ainda que fossem solitários...
Se houvesse alguém andando sozinho... e bastava! **São os
passos**
- são os passos que fazem os caminhos.
Deserta está a cidade.
Se houvesse alguém andando sozinho
- para ele se acenderiam então, como um olhar, todas
as cores!

Porque a cidade está cega, também.
O que não é visto por ninguém
não sabe a cor do aspecto que tem.
A cidade está cega e parada a descor de um morto.
Porque tudo aquilo que jamais é visto
- não existe...
(QUINTANA, 2005, p.471, Grifo nosso)

O flâneur caminha pela cidade, e é esse caminhar, segundo James Hillman (1993), que está cada vez menos presente na vida do homem moderno. Ele diz que “a locomoção tornou-se mecanizada, desde os dispositivos de controle remoto até, claro, os automóveis” (p. 51) o que torna cada vez mais desnecessário o caminhar na nossa rotina. A poesia de Quintana consegue perfeitamente retratar o que James Hillman está diagnosticando em 1993. A vida desse novo homem – o homem moderno -, não chama a atenção de Quintana, pois para ele é sem graça viajar de avião e transitar os aeroportos. A locomoção com o automóvel, afirma o autor, é uma experiência visual. Já nos aviões, nem a experiência visual acontece...:

ALGUMAS VARIAÇÕES SOBRE O MESMO TEMA

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

V

Tenho pena, isto sim, dos que viajam de avião a jato:
só conhecem do mundo os aeroportos...
E todos os aeroportos do mundo são iguais,
Excessivamente sanitários
e com anúncios de Coca-Cola.
(QUINTANA, 2005, p. 417)

Hillman diz que “andar acalma”, “caminhando estamos no mundo, encontramos-nos num lugar específico e, ao caminhar nesse espaço, tornamo-lo um lugar, uma moradia ou um território, uma habitação com um nome” (HILLMAN, 1993, p. 53). O psicólogo Hillman, analista que trabalha com a alma, decide abordar o tema da cidade pois mesmo analisando as pessoas num escritório fechado, ele diz que “é precisamente a rua aquilo que adentra o consultório” (HILLMAN, 1993, p. 37). Dessa forma, o seu trabalho se dá com as pessoas da cidade, afirmando que a cidade está na alma delas. Ele aponta para o fato de que a psicologia vem discutindo a questão de a vida urbana ser responsável pelas doenças psíquicas:

No século XVIII, eram as fábricas de gim e a pobreza ou o chocolate e o luxo. No século XIX, era a locomoção veloz das viagens de trem, o ar poluído e a aglomeração de pessoas, pára-sóis e muita leitura – em suma, o que a psiquiatria britânica, em 1867, chamou de “a febril atividade da vida” – que causavam aflição psíquica. Um psiquiatra francês, em 1819, disse: “Cidades de quatrocentas a quinhentas mil pessoas são desvios da natureza”. A alma adoece com a tensão urbana. (HILLMAN, 1993, p. 37)

É interessante observar que o desejo de “fugere urbem”, de escapar da cidade rumo à natureza em prol de uma vida melhor, não se dá apenas a partir do Romantismo (Rousseau) e no Arcadismo ou nas civilizações atuais. O autor afirma que essa é uma fantasia da humanidade, e uma das favoritas, a ideia de que a alma vive melhor quando diminui o seu ritmo para encontrar o da natureza, afastando-se daquela alma sofisticada e corrompida que é produto da cidade:

O Imperador Amarelo da China, em 2.600 a.C., já lamentava os comportamentos desordenados e excessivos de sua civilização em comparação com aqueles de uma era mais antiga. Hábitos errados de alimentação, sono, sexo e bebida já naquela época, 4.500 anos atrás, na alvorada da história. Claro está que alguma parte da alma humana imagina

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

continuamente uma vida melhor, mais verdadeira “perto da natureza”, longe da cidade. Estatisticamente, há um terço (se seguirmos os números do relatório do administrador urbano George Schrader) em cada um de nós que simplesmente quer escapar, um impulso sem base racional. Se devemos culpar alguém pela ruína dos centros das cidades, pela morte no coração da cidade, esse alguém deve ser Jean-Jacques Rosseau, meu compatriota suíço, que evocou os sentimentos para um retorno à natureza e tirou o nosso coração da cidade. (HILLMAN, 1993, p. 37-38)

Apesar de essa perspectiva colocar a alma e a cidade em campos opostos, o psicólogo faz, novamente, essa ligação entre a cidade e a alma, mostrando que é possível termos cidades com alma e alma com cidades: “restauramos a alma quando restauramos a cidade em nossos corações individuais, a coragem, a imaginação e o amor que trazemos para a civilização” (HILLMAN, 1993, p. 38). Em seu ensaio *Cidade & Alma*, ele mostra **como** e **onde** a alma existe na cidade.

“A alma tem sido sempre associada a uma parte reflexiva em nós ou com a função reflexiva” (HILLMAN, 1993, p. 38), dessa forma, a alma existe na reflexão. A reflexão na cidade está constituída “sob forma de piscinas, lagos, galerias, sombras, e venezianas onde ocorrem reflexos” (HILLMAN, 1993, p. 38). O vidro e o espelho também possibilitam reflexão, porém existe o risco de o sujeito voltar-se somente para a sua superfície, onde a vaidade e a superficialidade vazia somente refletem a si mesmas. Para afastar-se da vaidade e do narcisismo, o vidro espelhado “teria que ser usado para a alma; se quiser tocá-la, ele terá que aprofundar e tornar mais complicado ou complexo o sentido de nossa cidade ao refletir alguma dimensão mais profunda, e não somente deslumbrar-nos” (HILLMAN, 1993, p. 38).

A segunda imagem de alma é a profundidade. Segundo Hillman, um dos lugares de profundidade na cidade são as -ainda existentes- ruelas. Porém, representam a parte obscura da cidade, prontas para o processo de alargamento e iluminação. Ele re-afirma a ligação entre a alma e a cidade apontando para o interiorizar: “ênfatisar a interioridade daquilo que está à sua frente ou onde você está. Os significados mais profundos, as complexidades mais profundas de alguma coisa – de forma que, toda vez que você olhá-la ou adentrá-la, ela assume um outro nível de significado” (HILLMAN, 1993, p. 39).

A memória emotiva é a terceira ideia de alma. A cidade é repleta de memória, de história, de acontecimentos passados e sujeitos históricos que deixaram as suas marcas. Caminhando pela cidade

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

despertamos a nossa memória emotiva, concretizada através de parques históricos, estátuas de personalidades, memoriais de guerra etc. Mario Quintana e Carlos Drummond de Andrade fazem parte da memória emotiva da cidade de Porto Alegre, foram eternizados em bronze na Praça da Alfândega, no centro da cidade. “A cidade, então, é uma história que se conta para nós à medida que caminhamos por ela” (HILLMAN, 1993, p. 39). Hillman coloca a cidade, também, como memento mori. Há lugares na cidade que nos lembram a morte, como os cemitérios, os altares, as clínicas, os asilos etc. “Esse lado obscuro da vida humana nos faz lembrar da alma, de maneira que a cidade que fala com a alma e da alma não deixa nada de fora” (HILLMAN, 1993, p. 40).

A quarta ideia se refere às imagens que encontramos nas cidades. Imagens que orientam – placas, cartazes de rua, grafite -, pois a alma precisa de suas imagens. “A mão humana espontaneamente deixa a sua marca, insistindo em mensagens personalizadas; em todo o lugar a natureza humana imediatamente escreve suas iniciais nos monumentos” (HILLMAN, 1993, p. 40).

O último ponto destacado é a noção de relações humanas. Hillman (1993, p. 42) diz que “uma cidade é construída sobre relações humanas, gente se encontrando, e, entre outras coisas, o amor incrementaria as próprias coisas que são desejáveis numa cidade”. Dessa forma, ele aponta para a importância do olhar, uma relação se dá através do olhar, quando visitamos uma nova cidade, um novo lugar, precisamos caminhar, olhar, tirar fotos, registrar. Assim como o corpo, o lugar que precisamos para esse corpo, um lugar de intimidade, “pois a intimidade é crucial para a alma”:

Portanto, não é novamente uma questão de divisão entre as duas coisas, trabalho e prazer, cidade e alma, o público diurno e o privado noturno, porque isso tira a alma da cidade. Sempre houve lugares construídos dentro da cidade onde há uma quebra do aparente propósito da cidade. Pensar que o propósito das cidades é econômico ou político é uma ideia, sem dúvida, muito recente. Desde o início, o propósito da construção de uma cidade foi algo instintivo nos seres humanos: querer estar junto, imaginar, falar, fazer e trocar. Precisamos desses assim chamados mercados, lugares onde a quebra pode acontecer: o cafezinho, o pub, os cafês, as cervejarias, a lanchonete, os vestiários, o ringue de patinação, ou mesmo o banco da praça ao sol, onde é possível se fazer uma pausa nos deveres e obrigações do dia. (HILLMAN, 1993, p. 42).

A modernidade está intimamente ligada à velocidade, dessa forma, o psicólogo James Hillman (1993), adverte em seu ensaio que nós não caminhamos. Médicos têm recomendado aos seus clientes que caminhem, uma vez que correr pode ser prejudicial para alguns. Para Hillman, se é necessária uma

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

prescrição médica para que caminhemos, é porque “estamos vivendo num estranho mundo novo, onde alguma coisa básica foi esquecida” (HILLMAN, 1993, p. 51). Mas o psicólogo não fala no caminhar como esporte, e sim o caminhar em relação à cidade. Quando caminhamos, fazemos isso de forma tão ligeira, que não observamos a cidade, as ruas servem apenas de acesso aos shoppings, arranha-céus e outros lugares. Andamos pelas ruas e mal sabemos por onde passamos, diante de que casas passamos, ou mesmo por quais pessoas nós passamos. Há uma multidão ao nosso redor, porém nós não enxergamos, é o vazio, o vazio da modernidade...

COISAS DO TEMPO

Com o tempo, não vamos ficando sozinhos apenas pelos que se foram: vamos ficando sozinhos uns dos outros.
(QUINTANA, 2005, p. 237)

Referências

- BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XX. In: KOTHE, Flávio. (org.) *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1985.
- FISCHER, Luís Augusto; FISCHER, Sérgio Luís. *Mario Quintana – uma vida para a poesia*. Porto Alegre: WS Editor, 2006.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- HILLMAN, James. *Cidade & alma*; coordenação e tradução Gustavo Barcellos e Lúcia Rosenberg. São Paulo: Studio Nobel, 1993. (Cidade Aberta)
- MACHADO, Antonio. *Poesias completas*. 14. ed. Madri – Espasa: Calpe, 1973.
- PESAVENTO, Sandra. De como os alemães tornaram-se gaúchos pelos caminhos da modernização. In: *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: ULBRA, 1994.
- QUINTANA, Mario. *Mario Quintana*. Organizado por Tania Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

SONTAG, Susan. *Sob o Signo de Saturno*. Porto Alegre: L&PM, 1986.